

Darcy Ribeiro e o Projeto de UnB. Ontem, Hoje e Amanhã.



Arquivo Central/UnB.

:

“Quando, amanhã, o Brasil – e dentro dele a Universidade de Brasília – conquistar a alforria para retomar o comando de seus próprios destinos, precisaremos recordar estes dias trágicos da travessia do túnel da iniquidade. (...) Será preciso recordar igualmente a demissão de 1965 quando, acompanhando solidários os quinze expurgados, duzentos e dez professores deixaram a Universidade de Brasília, a cidade, e a maioria deles o país. Também não deve ser esquecido esse episódio histórico: *é o dia da diáspora*.”

(Darcy Ribeiro, “*UnB - Invenção e Descaminho*”, 1978, p.85)

:

O Grupo de Estudos e de Pesquisas Darcy Ribeiro (GEP-DR), tem o motivo precípua de estudar, no âmbito da obra do educador, antropólogo e político Darcy Ribeiro, os fundamentos teóricos que deram base à criação da Universidade de Brasília (UnB).

Portanto, estudar a formação de um modelo teórico que foi elaborado e orientado no sentido de criar no Brasil uma universidade com a função de ser instrumento – *sine qua non* – de superação dos atrasos nacionais: econômico, cultural, sociopolítico e atraso científico. Uma

universidade que, passo a passo, colocaria em marcha no Brasil um processo revolucionário profundo e necessário a partir da educação no país, quebrando, no plano interno, com a ordem tradicionalmente estabelecida e, com efeito, no plano externo, com a *dependência* brasileira dos chamados “países centrais”.

O GEP-DR é também, e como que por consequência, um grupo de *resgate* – quer inserir como pauta, no âmbito do atual debate acadêmico, o resgate desse modelo teórico de universidade proposto por Darcy. Resgate de uma proposta que, apesar de muito nomeada, tem se tornado em grande medida língua morta ao longo do tempo... Essa experiência inovadora de Universidade, de UnB, durou, *concretamente*, apenas quatro anos, 1961 a 1965, para então ser interrompida. O Golpe Civil-Militar de 64, e seus desdobramentos, é apontado como uma das causas diretas do fim do projeto original da Universidade de Brasília, concebido por Darcy como “*o projeto mais ambicioso da intelectualidade brasileira*”.

Resgate este que busca conhecer também a história do próprio Departamento de Filosofia da Unb – constituir sua memória-, visando, assim, compreender melhor o papel da Filosofia na construção desse ambicioso projeto de universidade.

Figura importante para tanto é o professor Ernani Maria Fiori, que em 1965 veio para a Universidade de Brasília com o desafio de iniciar o Departamento de Filosofia. Um projeto que não se concretizou em consequência da sua demissão cerca de um mês após sua chegada à UnB. Busca-se, portanto, compreender quem era de fato essa figura; que perspectivas filosóficas ele pensava em constituir na Universidade de Brasília; em que medida sua demissão repercutiu no resto da Universidade; enfim, são algumas das questões que queremos responder a partir do GEP-DR.

Um tanto do que diz respeito ao fim desse projeto de Universidade, os episódios ocorridos aqui em 18 de outubro de 1965 são simbólicos: quinze professores foram afastados de suas funções, acusados de subversão. Em solidariedade a esses quinze expurgados, cerca de duzentos e dez professores (80% do quadro docente à época) resolveram naquele dia deixar a Universidade, a cidade, e a maioria deles o país. Esse episódio marcou a história desta instituição como *o dia da diáspora*.

48 anos depois, em 18 de outubro de 2013, o GEP-DR, para recordar esses trágicos dias da

Universidade, reuniu no Departamento de Filosofia da UnB os professores Antônio Carlos Carpintero (FAU-UnB) e Flávio Renê Kothe (FAU-UnB), que vivenciaram todo esse processo de invenção e de descaminho da Universidade de Brasília, para uma mesa-redonda, coordenada pelo professor Alex Calheiros (FIL-UnB), com o tema: “*Do início ao fim, a Filosofia e os efeitos do Golpe Civil-Militar sobre o projeto político e científico da Universidade de Brasília.*”¹

Ciosos das múltiplas facetas das questões envolvidas, esse é um primeiro debate e marco inaugural das iniciativas por vir de pesquisas e estudos do GEP-DR.

:

Alex Calheiros: A gente colocou a Filosofia no início e no fim, mas, na verdade, pensando muito mais no projeto do Darcy. O que era o projeto da Universidade, os primeiros momentos do que foi isso e, enfim, essa interrupção. A gente podia já começar a conversar. Passo a palavra, então, ao professor Carpintero e em seguida ao professor Flávio Kothe.

Antônio Carlos Carpintero: Bom, eu acho que eu posso começar contando um pouco sobre a minha história, contando como eu vim pra cá – o que já dá um pouco a medida do que é o processo da Universidade. E que aí eu posso dizer o que encontrei aqui. Eu decidi vir a Brasília estudar arquitetura em 1961, e vim pra cá de fato em 65. Em 61 a cidade já estava inaugurada. Veio um grupo de Campinas pra cá, eu não vim, mas alguns eram colegas meus e voltaram encantados porque estavam criando a Universidade de Brasília e tal, Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer. O que eu quero mais? Eu fazia política estudantil naquele momento como católico, como membro de Juventude Católica daquele tempo, JEC², especificamente Juventude Secundarista. A gente estava encantado com o projeto político da Universidade de Brasília, só que a gente não sabia o embate que tinha por baixo dos panos, o que estava acontecendo.

Jânio Quadros, de fato, ele queria; o Lúcio Costa escreveu lá no cantinho, “universidade”. O Israel Pinheiro queria colocar a Universidade na Fazenda Água Limpa. Ele não queria universidade dentro da cidade de forma nenhuma. Ele era a negação da questão... O Jânio Quadros queria fazer a Universidade, não se definia aí em termos da localização, mas ele francamente optava pelos jesuítas, que eram os mantenedores das PUC’s do Rio e de São Paulo, que eram PUC’s de boa qualidade. E o Darcy Ribeiro se recusava a aceitar. O Darcy

1 As falas aqui registradas foram editadas e adaptadas para a publicação.

2 Juventude Estudantil Católica.

tinha outro projeto, não era dos jesuítas; ele queria uma universidade laica, gratuita e pública, que era a negação da Universidade Católica: paga e privada. Então o Darcy se movimentou muito rapidamente. No dia 15 de dezembro o João Goulart assinou a lei de criação da UnB. São dois meses e uma semana de diferença entre a posse e o fato. Isso mostra a urgência que foi o processo. Mas o Darcy Ribeiro foi a Roma, tratou com o Papa, que era o João XXIII naquele momento, e fez um acordo com ele. Eu não conheço detalhes disso, eu só sei que existiu porque a gente vê o próprio resultado do que aconteceu. Agora o que aconteceu de fato, não, mas a gente percebe claramente, pois João XXIII tinha uma outra visão da própria Igreja, ele não era daquele processo de jesuítas, não era contrarreforma, não era coisa nenhuma, era um *aggiornamento*. Então o Darcy convenceu o João XXIII a criar o Instituto de Teologia anexo à Universidade de Brasília e entregar esse Instituto aos dominicanos, que naquele momento, entre 61 e 64, estavam na liderança dos movimentos de esquerda no Brasil.

Os dominicanos, apesar de ter sido um jesuíta que fundou a AP³, eram os que estavam na vanguarda da posição política da Igreja. O Frei Carlos Josafá publicava um jornalzinho em São Paulo, o “Brasil Urgente”, que não fica nada a dever a um jornal hoje do PSTU, do PSOL. Os dominicanos aceitaram a ideia e criou-se um Instituto de Teologia anexo à Universidade de Brasília. Anexo como? Academicamente ele era vinculado totalmente à Universidade, e ele seria a formação religiosa dos dominicanos, um seminário. Só que a parte de Teologia seria feita no Instituto de Teologia. A parte de Filosofia seria feita na Universidade de Brasília, com todos os alunos; e não um curso de filosofia religiosa, não havia nenhum vínculo à filosofia religiosa.

Eu deixei a Igreja em 66, 67, por aí. E quando vim para Universidade entrei em para a JUC⁴, que é a origem desse movimento que foi fundado em 62, em Belo Horizonte, por um jesuíta, a Ação Popular (AP), que aí era francamente um movimento político. Não era mais um movimento católico como a JUC, que era um movimento cristão; um movimento católico com posições políticas, mas não era um movimento político em si mesmo. Com base nisso se criou a AP, e aí temos o Honestino. O Honestino Guimarães⁵ era da AP. Só pra gente ter noção um pouco do quadro das coisas, o Todorov⁶, que foi reitor aqui, era da AP.

Então, nesse quadro é que eu vim pra cá. E quando eu cheguei aqui já tinha tido o

3 Padre Vaz.

4 Juventude Universitária Católica.

5 Honestino Guimarães, líder estudantil ligado à AP; aluno da UnB no curso de Geologia no ano de 1966. Nos anos 70, já afastado da UnB, foi presidente da UNE. Preso por suas atividades militantes no Rio de Janeiro, desapareceu em 1973. Sua morte só foi oficializada em 1996.

6 João Cláudio Todorov, da UnB, foi reitor da Universidade de Brasília por dois períodos: entre agosto e novembro de 1989 e de novembro de 1993 a novembro de 1997.

Golpe. Eu cheguei aqui em junho de 64 para fazer o vestibular, em janeiro de 65, e em março começaram as aulas. E o Frei Mateus Rocha⁷, que era o Vice-Reitor da UnB, ele tirou o Darcy Ribeiro. Naquele momento, quando criou a Universidade, o Darcy veio para ser Reitor, deixou o Ministério e veio ser Reitor. Era mais importante para ele construir a Universidade. A intenção clara dele era de fazer a Universidade para interferir no sistema educacional brasileiro. Ela não era uma universidade para formar quadros, era uma universidade para formar quadros universitários, para mexer na universidade brasileira. A intenção do Darcy era alterar o sistema universitário brasileiro como um todo. A Universidade tinha as graduações, claro, mas a ênfase que tinha era na pós-graduação. A Filosofia não existia. Existia um grupo de pessoas construindo essa Filosofia, que já estava atrelada a essa construção complexa que seria o seminário dos dominicanos, e que era naquele prédio que está ali em cima, no que hoje é a Secretaria de Educação. Aquele prédio era projeto do Oscar Niemeyer para o Instituto de Teologia.

A Universidade se constituiu nesse formato, uma universidade com um Instituto de Teologia, mas uma universidade plenamente laica. A Filosofia era a Filosofia da UnB, sem nenhuma pressão da Igreja sobre a Filosofia. A Teologia eles iam fazer lá, era deles, mas qualquer um da Universidade poderia fazer algum curso de Teologia lá, se quisesse. Lá eles tinham outras regras, outras coisas, porque aí era formação religiosa mesmo do pessoal. Então essa constituição permitiu que a Universidade se desasnasse. E começou. Aí veio o Niemeyer, projetou o ICC; o Lelé⁸ fez primeiro o detalhamento estrutural e começou a construção do ICC. Construíram os edifícios da Educação, aqueles três prédios. Os três prédios foram construídos em três meses; fizeram aquilo lá entre o dia 15 de dezembro de 1961 e 21 de abril de 1962, aqueles prédios ficaram prontos para a inauguração da Universidade no dia 21 de abril.

Pois é, fizeram na marra. Consta que Dois Candangos⁹ significa que tem dois candangos enterrados lá, no meio do concreto. Isso aí é uma lenda que vem desde a minha época e que eu acho que é verdade.

Bem, a Universidade, quando se estruturou, a gente fala do 'Projeto Darcy Ribeiro', mas é Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. A montagem do projeto da UnB é dos dois. E a grande intenção, o grande objetivo, a função da Universidade de Brasília seria atuar no sistema

7 Vide a entrevista publicada no v. 2, n. 3 (2013) da *Pólemos*: "Minhas memórias com Frei Mateus da Rocha: Um Testemunho - Entrevista com Antônio Muniz de Rezende", p. 220-234.

8 João da Gama Filgueiras Lima (Lelé), arquiteto.

9 Edificação de um dos auditórios da Faculdade de Educação (FE).

universitário brasileiro. Diretamente e bem claramente isso. Então o primeiro curso que abriu, quer dizer, os três primeiros foram Arquitetura, Letras e Direito. Arquitetura porque Brasília, como era o domínio dos arquitetos e estava cheio de arquitetos aí. Então, pega Oscar Niemeyer, bota na cabeça: atraí. Mas quem dirigia mesmo era o Alcides da Rocha Miranda, que fazia o Instituto de Artes. O Oscar Niemeyer mesmo nunca deu aula, como vocês me perguntaram nas preliminares, nunca deu aula propriamente, uma aula regular, ele nunca deu. Ele deu muita palestra, muita apresentação dos projetos dele, mas aula, nunca deu.

Tinha o Graeff¹⁰, que era do Rio Grande do Sul também. O Graeff era o grande teórico da arquitetura naquele momento. Ele fazia toda parte de teoria, ele tinha todo o desenvolvimento teórico do processo, da produção de arquitetura. Eu acho muito fraco o material dele, fiquei lendo as apostilas e acho de uma fragilidade imensa a coisa teórica dele. Mas era quem dava suporte para o processo. E a Universidade tinha uma leitura de estar no local. De estar no *aqui e agora*, aqui na Universidade, no bom centro do Distrito Federal.

A região, e o Instituto de Artes, tinha uma tecelã, a Dona Flora, que vinha de Pirenópolis, que ficava tecendo aqueles tecidos de Pirenópolis. Ela fazia a fiação, tingia os fios. Ela ficava lá, trabalhando permanentemente. Então, as mesas da Universidade tinham as coberturas com tecidos de artesanato goiano. Estava cheio de peças de cerâmica, de couro e coisas. A Universidade tinha muito essa coisa. A Universidade produzia os seus próprios móveis¹¹. Produzia inclusive o desenho dos móveis. Então era uma universidade voltada para o Brasil, para a cultura brasileira. Foi a primeira vez que teve no Brasil uma universidade começando em conjunto. Com Medicina, com Direito, que são profissões que normalmente são muito autônomas nas coisas. E a Medicina evoluiu para uma autonomia. Hoje mesmo na UnB a Medicina é uma Faculdade de Medicina. Mas quando começou, a Medicina era a Faculdade de Ciências da Saúde. Não havia Faculdade de Medicina. Dentro da Faculdade de Ciências da Saúde tinha o curso de Medicina, o de Enfermagem, o de Odontologia, o de Farmácia, o de Educação Física; tudo isso era Ciências da Saúde.

O Hospital Universitário era o Hospital de Sobradinho, não era o Hospital aqui, era em Sobradinho. E Sobradinho foi escolhido por uma razão mais específica, porque o interior da Bahia era atraído por Goiânia, na questão de saúde, por exemplo, educação e saúde. No interior da Bahia, no oeste da Bahia, na região da margem esquerda do São Francisco,

¹⁰ Edgard Albuquerque Graeff, arquiteto do Rio Grande do Sul, teórico da arquitetura. Foi afastado da UnB em abril de 1964.

¹¹ Os professores Marcelo Mari (IdA- UnB), Alex Calheiros e Priscila Rufinoni (FIL -UnB) estão desenvolvendo uma pesquisa sobre esse mobiliário, da qual participam vários especialistas. O livro, a ser lançado este ano, terá por título *Mobiliário moderno: da pequena indústria ao projeto da UnB*.

margem oeste do São Francisco, vinha todo pra Goiânia, e o Hospital de Sobradinho ficou na entrada dessa coisa, para segurar esse público que vinha, pacientes que vinham à procura de saúde na Universidade. E eu me lembro, a primeira turma da Medicina coincidiu com a minha turma na Arquitetura. Primeira turma de Medicina, da Engenharia Civil, da Geologia; o Honestino era dessa turma da Geologia. Então, essas turmas, a gente conviveu muito francamente. Eu andei muito com a turma da Medicina. Eles tinham um trabalho para fazer de sair levantando os nomes populares de doenças. O que é *espinhela caída*, *bucho não sei o quê*, esses nomes populares que têm, para eles fazerem um glossário para saberem o que significavam essas coisas e poder atuar em saúde com a linguagem popular. É uma atitude que não precisaria de médico cubano hoje se continuasse aquilo. Não teria necessidade disso. A atitude era outra.

A Universidade era muito flexível. Eu tive um colega na Arquitetura, ele entrou em 64, eu entrei em 65. Ele entrou no Direito, começou fazendo um ano de Direito. Resolveu, pediu e transferiu para Arquitetura, com a maior facilidade. Não tinha grande dificuldade para fazer essas coisas. Alguns cursos criavam dificuldades porque tinham habilidades específicas, como Música, Medicina. O cara quando fazia vestibular já era pra Medicina, e pra transferir de curso ele tinha que fazer um novo vestibular e só pra concorrer à vaga para entrar no curso. Mas a maioria dos cursos era muito fluída.

E a gente convivia com os professores, o Claudio Santoro, da Música, o Régis Duprat¹², o Rogério Duprat¹³, o Yulo Brandão, que trabalhavam lá. O Yulo Brandão saiu daqui para a Unicamp, para trabalhar com o que ele sempre trabalhou, que é Música Renascentista, e ficou lá até morrer.

E tinha uma atividade que era muito interessante. Naquela época, sábado era um dia de trabalho normal até meio dia. Às 11hs fechava a Universidade e todo mundo ia para o auditório de música, que tinha um concerto de sábado. Todo sábado tinha um concerto, fosse um piano, um coral, um cantor ou cantora, fosse uma orquestra de cordas. O Claudio Santoro regeu algumas peças que ele compôs, e a estreia mundial foi no auditório de música. Então a gente tinha essa convivência, a convivência que a gente tinha de professores. Um dia desses, eu tive uma atividade fora aí e encontrei uma menina, filha de Eudoro de Souza. Eudoro de Souza era um professor, ele atuava na área de Filosofia, mas ele era daqueles “multifaceta”. Ele era um português, trabalhava com cultura helenística; com umas coisas mais

12 Régis Duprat, musicista e musicólogo.

13 Rogério Duprat, maestro e compositor.

estapafúrdias. Ele e o Agostinho da Silva, que era um antropólogo. E o Eudoro tinha esse Centro Brasileiro de Estudos portugueses dentro da Universidade de Brasília.

A Universidade tinha um curso básico e um curso profissional. E todos os alunos tinham, em todos os cursos. A discussão da Medicina era se o curso básico deles era no Instituto de Psicologia, de Biologia, ou se era no Instituto de Humanas. E tinha uma série de coisas, mas tinha um curso básico de dois anos, e depois que tinha o profissional. Em Arquitetura era em Artes, a gente fazia o curso básico no Instituto de Artes. Então, nesse curso básico, o aluno era obrigado a cumprir o básico para entrar no profissional. Ele tinha obrigatoriamente que fazer pelo menos duas disciplinas completamente fora do seu curso. E eles toleravam, no caso do curso de Arquitetura, Música como sendo essa disciplina que se chamava de integração. Então tinha os alunos da Arquitetura que faziam introdução à Análise Instrumental do Comportamento, dar comida pra ratinho, medir quantas vezes o ratinho procurou não sei o quê, aquelas coisas da psicologia *behaviorista*, que era a base aqui na Universidade. Então o aluno tinha que fazer duas disciplinas no curso básico e mais duas disciplinas no curso profissional, disciplinas de integração. E além dessas duas de integração, que era fora do seu Instituto, fora do seu *curriculum* completamente, ele podia, podia não, ele tinha que fazer também duas de complementação. Eram disciplinas dentro do Instituto, mas que o aluno fazia fora do currículo do curso dele. Então eu fiz, por exemplo, um semestre de teoria musical. Tive aula com Claudio Santoro. A Universidade tinha essa fluidez muito grande.

Não havia turma por curso, os grupos, os agrupamentos se faziam por grupos de colegas. A gente tinha uma república na Asa Norte, na qual moravam dois caras da Engenharia, um da Economia e não sei o quê. A gente saía naquele grupo. Eu convivi muito com a primeira turma da Medicina. No primeiro semestre eu andei mais com a turma da Medicina do que com a da Arquitetura. Só a partir do segundo semestre, quando fechou a Universidade, que a gente foi pra São Paulo, que aí eu voltei e aí só esparsamente eu convivi com o povo da Medicina. Mas a gente convivia muito misturado. Todos os cursos da Universidade pediam para a Arquitetura preparar as festas. A gente que montava decoração, toda a coisa. O baile de calouro da minha turma foi no Brasília Palace. A Universidade tinha um prestígio na cidade muito forte. A Universidade funcionava nesse plano, de universidade integrada dentro de si e integrada na realidade nacional.

Em 64, logo depois do Golpe, tiraram o Oscar Niemeyer e o Graeff, eles foram suprimidos. Ficou o Ítalo, que era secretário da Arquitetura, ele que ficou dirigindo a Arquitetura. O Alcides da Rocha Miranda não foi tirado, não foi mexido, mas, quando foi em

65, a demissão dos professores o motivou a sair também. A demissão que provocou a quebra da Universidade foi a do Professor Ernani Fiori, da Filosofia, que foi chamado de volta a sua universidade de origem. Aí quebrou a Universidade. Aí acabou todo esse negócio. Isso aconteceu em outubro. Quando a gente voltou para recuperação, em janeiro – porque eles abriram os cursos em janeiro para recuperar o semestre perdido, o final do semestre – aí já veio com professores de toda laia. Digamos que 10% dos professores da Universidade ficaram, uns 25-30 professores ficaram na Universidade, eles não se demitiram nessa demissão coletiva. Alguns por questão econômica mesmo, pressão econômica; outros, por posição ideológica, decidiram ficar. E na Arquitetura ficou uma professora de Artes Plásticas, a Zezé¹⁴, que pelo que me consta morreu recentemente. Ela estava bem velinha, encontrei com ela ano passado. O Athos Bulcão e o Ceschiatti¹⁵ eram professores aqui.

Nesse período que fechou a Universidade eu fui pra São Paulo, e quando eu voltei de São Paulo, um mês depois, em novembro, a Universidade ainda estava fechada; tinha polícia no campus... Aí eu fiquei. Nesse momento teve o primeiro festival de cinema de Brasília, em 65. Filmes fenomenais, *Os Fuzis*¹⁶, *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*¹⁷, que foi quem ganhou o festival, o *Vidas Secas*¹⁸. Filmes maravilhosos. *São Paulo, Sociedade Anônima*¹⁹, filmes maravilhosos. Foi o melhor de todos os festivais, na qualidade dos filmes, foi o melhor de todos. A gente ia pro festival...

Alex: Já estavam aqui o Paulo Emílio <Sales Gomes>, o Jean-Claude <Bernardet>.

Carpintero: É. E a gente começou a se reunir na casa dessa professora que ficou, da Zezé. Ela morava na 103 Sul. E a gente ia pra casa dela diariamente. Numa dessas histórias o Ceschiatti se entusiasmou, puxou o bloquinho dele, desenhou todo mundo que estava em volta na sala, e eu tenho um desenho meu, um retrato meu feito pelo Ceschiatti, nessas condições. E então a Universidade tinha essa coisa, o aluno e o professor, não havia distância. O Niemeyer conversava com a gente, ia pra oficina fazer a maquete do projetinho dele, do Ministério da Justiça.

Alex: Ele usava ali onde hoje é a Prefeitura?

Carpintero: Não, ele usava a oficina onde a gente fazia essa disciplina, Introdução às Artes

¹⁴ Professora Maria José (Zezé), de Artes Plásticas.

¹⁵ Alfredo Ceschiatti, escultor. Autor, entre outras obras, das esculturas da Catedral de Brasília.

¹⁶ De Ruy Guerra.

¹⁷ De Roberto Santos.

¹⁸ De Nelson Pereira dos Santos.

¹⁹ De Luís Sérgio Person.

Industriais, que era dada por um arquiteto, Elvin Dubugras²⁰. Essa disciplina era em uma das marcenarias, tinha três na Universidade. Duas ficavam lado a lado, onde é hoje o Artes Cênicas, aquele edifício novo lá do IDA²¹, novo relativamente. Ali que tinha essas duas oficinas. Essa nossa, que era uma oficina menor, que era uma oficina mais de didática mesmo, era onde o Niemeyer fazia a maquete, e lá a gente conversava com ele. Ele olhava e subia, olhava, ia lá diariamente, subia as abinhas e decidia esteticamente qual era o projeto, né?

Então, a Universidade, sendo para modificar o sistema universitário brasileiro, era aberta ao Brasil inteiro. Eu vim de São Paulo, de Campinas, mas tinha colega do Acre; do Rio Grande do Sul tinha vários; tinha do Nordeste, tinha muita gente de cada Estado. Praticamente tinha gente do Brasil todo. Roraima eu lembro, Amapá que eu não lembro de ninguém na época. Amapá, Mato Grosso do Sul, do que é hoje Mato Grosso do Sul, porque na época era Mato Grosso. Campo Grande tinha colegas, de Cuiabá tinha colegas. Aqui de Goiás tinha muita gente. Minas Gerais tinha muita gente, Rio e São Paulo tinha muita gente. Então era uma universidade. E a Universidade, até 64, se propunha a dar alojamento pra esses alunos que viriam de fora. Aquela caixinha²² que tem construída no meio do estacionamento sul do ICC, aquela caixinha é um protótipo de uma habitação estudantil, que foi feita pelo Niemeyer, e seria reproduzido em grande número. O barbeiro hoje fica onde era a sala. Ela tinha um balcão com um frigobar, uma pia, um fogareiro de duas bocas, elétrico, um banheirinho e dois quartos pequenos. Era beliche, então era para quatro pessoas. Aí o Zeferino Vaz, que foi o Reitor, que veio já pela Ditadura, se recusou a tocar esse projeto pra frente, alegou que o número par de estudantes, morando quatro, favorecia ao homossexualismo. Foi a alegação que ele deu...

Alex: Você me falou também que as casas deviam ser espalhadas por todo o campus.

Carpintero: Eram blocos, era pra fazer. A casa dava pra empilhar até três, quatro, cinco pavimentos. Empilhava, botava uma escadinha e fazia uma pilha aqui, uma pilha ali, e acolá. Pra residência de estudante. Aquilo que se chama hoje de residência estudantil, que foi feito em 69 por um professor da Faculdade de Arquitetura, Leo Bonfim²³, para alojamento de atleta do Centro Olímpico, aquilo era alojamento provisório, não foi feito para moradia de estudante, que é outra coisa. Um alojamento de atleta, por 15 dias, 20 dias, para uma competição, é uma coisa; e outra coisa é morar meses, anos num lugar.

Alex: Agora eu passo a palavra ao professor Flávio Kothe, e depois abrimos para as

20 Elvin Mackay Dubugras.

21 Instituto de Artes.

22 Que atualmente é uma barbearia.

23 Léo Bonfim Jr.

discussões.

Flávio Kothe: Bem, agradeço o convite que vocês me fizeram, acho muito gentil. Vou complementar a fala do Carpintero com alguns dados de outro canto, porque minha relação com a UnB também é diferente, não fiz o curso de graduação aqui. Eu fiz na Federal do Rio Grande do Sul. Mas é muito sintomático que vários aspectos sejam similares, já havia um reflexo desse modelo da UnB lá no Rio Grande do Sul. Também venho do ginásio com formação de JEC, um professor marista era encarregado, a gente tinha grêmio estudantil, onde se era incentivado a fazer debates, apresentações, desde encenações de teatro até declamação de poesia, tocar instrumento musical, atividades artísticas. Desde pequeno, desde os 12, 13, 14 anos. Corais. Uma formação humanística e de cidadania, a gestação de uma elite dirigente norteadada pela Igreja.

São atividades que desapareceram na escola. Vocês imaginem que na época a gente tinha no ginásio Latim, Português, Inglês, Francês e muitas vezes Espanhol. Isso tudo foi extinto em 65 pela ditadura militar. Claro que o Latim era marcado pela orientação da Igreja Católica, isso significava decoreba de declinações ou que de um poeta romano mais libertino como Catulo não se tomava conhecimento, mas a gente sabia como começava a Eneida do Virgílio, e como Júlio César começava o *De Bello Gallico*.

Carpintero: “Gallia est omnis divisa in partes tres”.

Kothe: Isso. A Gália é dividida em três partes. Gália é a França. No ensino superior havia o desdobramento da JEC na JUC²⁴. Nesse processo, o pessoal mais consciente, que sofreu a crise religiosa, não passou da JEC para a JUC porque deixou de ser católico. Na crise da adolescência, se tornou mais filosófico e menos teológico. Eu estava no interior do Rio Grande do Sul, fui Secretário de Imprensa da nossa entidade municipal. Por volta de 1962-63, a gente tinha um jornal estudantil para todos os estudantes. Nós tínhamos uma página a cada 15 dias no principal jornal do interior do Rio Grande do Sul. E tínhamos dois programas na estação de rádio. Um desses programas eu mesmo fazia. Eu tinha 15 anos e estava lá irradiando música clássica ligeira. E a gente entremeava, esse era o modelo, com algumas reflexões engajadas. Assim, quando fui submetido a interrogatório, em 1964 no quartel, a minha salvação foi que a maior parte do que se tinha selecionado era do Papa João XXIII. A gente já não era mais católico, mas conhecia as encíclicas papais, que eram progressistas, e a gente extraía trechos de lá. E tudo isso foi gravado no quartel da nossa cidade.

Para mostrar que a Igreja Católica não era só um lado, pois ela foi responsável direta

24 Juventude Universitária Católica.

pelo Golpe Militar de 64, quando fui submetido a interrogatório, ao capitão que me interrogou, eu disse: “- Mas eu conheço o senhor.” E ele perguntou: “- Como?” Respondi: “O senhor foi meu professor de Biologia do curso técnico de contabilidade do primeiro ano que meu pai me obrigou a fazer”.

Nessa época eu fazia o científico de manhã e o técnico à noite. E de Biologia o capitão pouco entendia. Não havia lógica ensinar Biologia num curso técnico de contabilidade. Fiquei com a impressão de que ele estava lá, dentro do colégio de irmãos maristas, para observar os estudantes. Isso já em 1962. No interrogatório de 64, ele queria saber quem tinha escrito os artigos sobre temas nacionais publicados em meu nome. Queria agentes externos, ficou decepcionado ao ouvir que era eu o autor dos artigos que ele havia sublinhado com várias cores. A ditadura se montou numa ideologia nacionalista, mas entregou o país aos interesses do capital americano e da Europa Ocidental para conseguir desenvolvimento industrial. Não se concretizou o modelo em curso de empresas estatais fortes associadas a empresas privadas nos setores básicos.

Eu tenho um tio-avô que foi bispo em Santa Cruz do Sul, Reitor da PUC de Porto Alegre, Reitor da Universidade de Santa Cruz, a UNISC. Existe fotografia dele, em abril de 1964, estendendo a mão, em nome da Igreja, para o Castelo Branco lá em Rio Pardo, quando o ditador foi visitar o sul.

Já em 1961, quando o Jânio pediu para sair, querendo dar o golpe e obter mais poder, os golpistas potenciais não deixaram o Vice-Presidente, o Jango, assumir: ele estava na China. E o Jango era o vice de Lott; Lott perdeu, mas Jango foi o vice mais votado do PTB, partido contrário a Jânio. Houve um impasse porque o Brizola queria a sucessão, conforme a lei. Houve então a Rede da Legalidade, e, no Rio Grande do Sul, o pessoal estava realmente disposto a marchar contra o resto do Brasil, repetir 1930-32. Era a Rede da Legalidade, sediada nos porões do Palácio do Piratini, o qual estava ameaçado de ser bombardeado. O comando do III Exército aderiu ao movimento pela legalidade, ficou forte o princípio de constitucionalidade. Os chefes militares não queriam a posse de Jango, colocando-se acima da Constituição. Foi proposto o parlamentarismo, que Jango aceitou, em vez de enfrentar os golpistas.

O Golpe de 64 já era para ser dado em 1961. Foi feito um acordo político, pelo qual se instituiu o parlamentarismo no Brasil, o que deixava o presidente enfraquecido. Os presidencialistas aceitaram o acordo, para poder desmontá-lo, retomando o presidencialismo. Só que não havia propriamente uma sustentação para essa modificação. Essa constelação foi bastante complexa.

Permitam-me fazer um pequeno parêntese familiar: o único irmão da minha mãe era militar. Ele tinha sido primeiro lugar na escola militar de Porto Alegre, na Academia de Agulhas Negras, e no curso da Praia Vermelha. A lógica dos generais que assumiram a Presidência, o segredo por trás da escolha deles, é que todos foram tríplices coroados. Tríplice coroado é o primeiro lugar na escola militar, primeiro lugar em Agulhas Negras e primeiro lugar no Curso de Estado Maior, como eles chamam. Pois o meu tio, já com 32 anos era Major.

Esse meu tio era engenheiro militar, engenheiro de construção de ferrovias e especialista em telecomunicações. Era um sujeito de plena saúde, estava reconstruindo a estrada de ferro no norte do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, de Vacaria até Lajes. Um sério problema militar era, então, como transportar um exército do Rio Grande do Sul para São Paulo. Meu tio era da linha do General Lott, democrática, saiu de casa às 8 da manhã, em plena saúde, e foi devolvido ao meio-dia, morto. O Comandante Militar de Lajes foi até Santa Cruz do Sul, para levar o cadáver: a família foi proibida de fazer necropsia. A família em choque não estava nem pensando nisso. Disseram que ele tinha sido embalsamado. Há poucos anos abriram o túmulo e se viu que não foi embalsamado. Uma versão dizia que ele tinha morrido num jogo de tênis; a outra é de que ele estava indo com ordenança para inspecionar obras e teve um infarto do miocárdio. Ninguém sabe até hoje o que efetivamente aconteceu. Ele pode ter sido morto. Não se sabe se algo como a Operação Condor já existia com outro nome antes de 64.

Havia na década de 1960 muita movimentação, congressos dos estudantes secundaristas do Estado, reuniões de cada região, UNE²⁵. Representando minha cidade, participei de diversos encontros no período pré-1964. Por isso, quando fui submetido a interrogatório, o Capitão estava querendo saber por que eu tinha ido a Passo Fundo, Canela, Rio Grande. Havia apoio para esses encontros. Não havia internet na época, telefone era difícil, mas a gente via quase as mesmas pessoas em quase todos os encontros. Atividade nossa muito visada foram os cursos de alfabetização de adultos promovidos pela união de estudantes. E por mais de um ano, entre 1962-63, a UESC, União Estudantil Santa-Cruzensense, teve carro do quartel para levar as professoras para as periferias da cidade – no ano seguinte a gente estava sendo submetido a interrogatório.

Havia uma divisão também dentro do exército: ouvi dizer que 10% era de esquerda; 10% de direita golpista e o resto ia sendo levado. A direita era mais forte, mais ampla, mais

25 União Nacional dos Estudantes.

organizada. Na época não se respeitava muito a Constituição, a lei.

O Coronel Affonso Heliodoro me contou uma história sintomática. Quando o Juscelino era Presidente, houve uma reunião em que só estavam três pessoas: o Juscelino, o General Lott, que era o Ministro da Guerra, e o Coronel Heliodoro, que era o chefe de gabinete de Juscelino. A reunião era sobre a promoção de oficiais a generais. Havia uma lista de candidatos. Se o oficial não fosse promovido, ele seria reformado, ia para o pijama. Quando chegou o nome de Castelo Branco, que era coronel, o ministro Lott disse claramente para Juscelino: “eu não recomendo esse nome porque é um Lacerdista doente”. Lacerda sempre queria derrubar os governos, para se tornar o mandachuva do Brasil. Daí Juscelino perguntou: “Como é que ele foi academicamente?” Lott respondeu que tinha sido primeiro da turma. “Então eu vou promovê-lo”, disse Juscelino. Isso foi um erro político. Pouco depois apareceu outro nome, Olímpio Mourão. O Ministro Lott foi claro: “Esse não é tão inteligente, mas também não recomendo porque ele é golpista. A gente sabe, eu estou lhe informando. Não recomendo.” Daí o Presidente Juscelino perguntou: “De onde ele é?” Resposta do Ministro: “De Diamantina.” Daí Juscelino disse: “Ah, eu sou de Diamantina, se eu não promover um homem de lá, nunca Diamantina vai ter um general.” E promoveu. Castelo Branco e Mourão foram os generais que comandaram o Golpe de 1964. Se a história contada é verdadeira, e creio que seja, Juscelino foi o responsável direto pela promoção dos dois generais que tiveram forças militares sob seu comando para dar o Golpe de 64. Foi um erro político do Juscelino, um erro de avaliação, tendo Lott dito claramente para não fazer. Se não fossem esses dois generais, talvez fossem outros. O segundo erro foi do povo brasileiro, quando Lott foi candidato a Presidente, para conter o golpe que ameaçava vir, ele não foi eleito. O povo brasileiro não votou no Lott. Talvez tenha sido um erro dos políticos não ter outro nome mais popular...

Carpintero: Mais palatável.

Kothe: Mais palatável, mais político, que pudesse servir de travesseiro para abafar o possível golpe. Porque havia muita tendência golpista na época. E da junção desses dois comandos é que saiu o Golpe de 64. Se não houvesse esses dois no comando, talvez não tivesse havido o golpe. E o jeito era muito simples, era só não promover. Havia uma relação de confiança do Ministro da Guerra com os generais, porque os generais selecionavam os possíveis candidatos. Mas não precisavam ser todos promovidos, só uma parte seria. Conto isso para tirar um pouco essa imagem do Juscelino como sempre '*o grande*', o que sempre acerta. A pessoa que me contou isso ainda está viva, beirando os cem anos, o Coronel Heliodoro, ele que me contou isso e depois me confirmou de novo.

Ao entrar na UFRGS, em 1965, já se tinha, na Filosofia, a demissão de professores, como a do professor Fiori²⁶. O substituto que se estava esperando era o Gerd Bornheim, que vinha da Alemanha. E se estava muito curioso: 'será que ele vem continuar o trabalho do Fiori?', será que tem um mandado da ditadura ou se pode dar um crédito de confiança?' Logo o Gerd provou sua qualidade, as aulas de Introdução à Filosofia tinham mais de duzentos alunos; quem podia, dos vários cursos da Faculdade de Filosofia, assistia às excelentes aulas dele, que eram gravadas e reproduzidas. Era, em parte, o modelo aqui da UnB sendo promovido lá, de que os alunos tinham uma formação humanística básica – com Introdução à Filosofia, à Sociologia, à Psicologia – e depois frequentavam disciplinas em áreas afins. A Faculdade de Filosofia reunia Filosofia, Letras, Sociologia, Jornalismo, Química, Física, Matemática. Como tudo estava reunido em um grande centro humanístico – no prédio que ainda existe no Parque da Redenção, ao lado da Reitoria da UFRGS, mas não é mais usado assim hoje – como os alunos seguiam disciplinas de domínio conexo, como o aluno tinha o direito de fazer mais de uma faculdade na universidade ao mesmo tempo, desde que prestasse novo vestibular, os alunos se conheciam e formavam boas amizades. Isso facilitou a organização estudantil, a formação de lideranças. Com a ditadura militar, porém, se instaurou depois outro modelo, em que o campus era jogado para fora da cidade e as disciplinas eram semestrais, sem sequência, esvaindo os contatos entre alunos.

Houve, por parte da Igreja Católica, uma enorme mobilização para derrubar o governo depois de 1964. O Golpe aconteceu, nesse sentido, como um “movimento popular”. Foi um golpe, sim, mas com respaldo institucional, principalmente da Igreja Católica, da imprensa, da burguesia, do Exército, do governo americano. Não devemos esquecer isso. O grupo Globo reconhece hoje que foi um erro ter dado apoio à ditadura. O principal motor era norte-americano, desencadeado pela Revolução Cubana de 1959. O governo Kennedy promoveu a invasão da Baía dos Porcos, mas foi repellido à bala. Havia o medo americano de que a América Latina se tornasse de esquerda, socialista, comunista, dentro das tensões da Guerra Fria. Os assassinatos dos irmãos Kennedy parecem constituir um golpe dentro dos Estados Unidos, propiciando a ação da extrema-direita, pondo de lado a opção socialdemocrata que eles representavam. Hoje há vários países da América Latina, os principais, cujos governos não são alinhados propriamente com os EUA. Não são governos de direita. Naquela época, os EUA não admitiam que posturas progressistas assumissem o poder. Davam-se o direito de

26 Ernani Maria Fiori.

interferir internamente. O quintal dos EUA era aqui. A OEA²⁷ era um instrumento disso.

Isso tudo se refletia dentro da Universidade, fazendo dessa geração uma geração politizada. Então dentro do ginásio e do segundo grau, se tinha uma hora por semana em que a gente organizava debates sobre reforma agrária, por exemplo, sobre uma proposta como a de que à beira das estradas federais as terras fossem usadas para a reforma agrária. Isso não interessava ao latifúndio. A sociedade estava toda tensa...

Em 1963 eu fui chamado por meu pai, quando eu tinha 16 anos, porque outro tio não tinha gostado do que eu estava escrevendo no jornal. Houve em 1963 uma proposta da associação católica de pais no sentido de que eles iriam tomar conta da nossa entidade estudantil. O nosso grupo não aceitou isso, mas a gente sentiu as consequências em 1964. Quando, por exemplo, Castelo Branco foi para o Rio Grande do Sul, em abril ou maio de 1964, vários estudantes foram presos por meses dentro do quartel. Ninguém do nosso grupo foi morto naquele momento, mas alguns foram torturados. Castelo Branco ainda tinha um aparente compromisso democrático. Depois ele deu um golpe dentro do golpe, deixando de cumprir a promessa de que se fariam eleições em 1965. Até o Juscelino embarcou nessa, votando a favor de Castelo para a presidência.

Carpintero: Juscelino e o Lacerda. O próprio Lacerda!

Kothe: E o Lacerda. E depois de 1965, quando os líderes civis formaram uma espécie de frente liberal contra a ditadura, eles foram exterminados. Suspeita-se que foram mortos. Castelo Branco sofreu um estranho acidente depois de Presidente; de Costa e Silva, diziam que ele levou um tiro. Não sei o que houve, mas subitamente ele estava morto. Outros diziam que ele teve infarto. Deviam ter dado posse a Pedro Aleixo, que era o Vice, mas não deram posse. Os militares não queriam perder o poder.

Carpintero: Aí criaram a Junta.

Kothe: É, criaram a Junta Militar. Daí assumiu a extrema-direita, com Médici. O Médici também era um tríplice coroadado, foi o pior dos ditadores. Quem começou a fazer a ditadura recuar foi o Geisel, que foi o único dos ditadores que tinha algum perfil de estadista. Ele tomou várias medidas, inclusive a demissão do Comandante do Exército lá de São Paulo, gerou uma transição para os militares saírem do poder. No governo dele se criou o programa nacional de pós-graduação e um sistema mais amplo de bolsas de estudos.

Em função da ditadura crescente, havia um clima semelhante em todas as universidades federais, com algumas variantes locais.

27 Organização dos Estados Americanos.

Fui Secretário de Assuntos Nacionais nos centros acadêmicos da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Direito da UFRGS. Eu era então o secretário político. Eu tinha aula das oito ao meio dia em Letras, de tarde assistia aulas de Filosofia ou Ciências Sociais, à noite fazia Direito até às onze. Depois se tinha reunião até meia-noite. Éramos um grupo de resistência.

O movimento estudantil de esquerda estava basicamente dividido em cinco agrupamentos na época. Todos eram cristãos, no sentido de quererem salvar a humanidade. Havia a AP, a Ação Popular, de origem católica, que num certo momento declarou já não ser mais tão católica. Havia os trotskistas, que eram a Quarta Internacional, eram considerados os mais radicais. Havia a Dissidência do Partido Comunista, que pregava a luta armada, a conversão do movimento estudantil em movimento de guerrilha. Os gatos pingados do Partidão não concordavam com isso, achavam que era preciso uma redemocratização do país e uma assembleia constituinte. Havia um agrupamento conhecido como Independentes, que na prática se alinhava bastante com a proposta de luta pela redemocratização, de criar partidos de oposição. Essa é a linha que acabou triunfando no país. Lá no Rio Grande do Sul, esse embate foi muito claro nas eleições para o Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da UFRGS em 1967. Houve um debate de tarde inteira e noite adentro na Sala da Congregação, com uns 350 alunos lá dentro, mais os informantes. Havia um informante do governo em cada sala de aula. Eu tive um colega que até me mostrou a carteirinha dele, de policial. A discussão, feita em espaço aberto, como se não se estivesse numa ditadura, era se o movimento estudantil devia ser transformado em um movimento de guerrilha ou não.

Eu pertencia ao grupo dos independentes, que liderava os dois Centros Acadêmicos mais importantes em Porto Alegre. Tínhamos de ver o que era possível fazer. Nosso problema não era só enfrentar as forças armadas, mas entender as estruturas mentais que conduziam sua ação. Enquanto víamos professores da Faculdade de Direito se tornarem ministros da ditadura, tínhamos de organizar grupos de estudos, debates com políticos, preparar o caminho para partidos, para uma nova constituinte, para um retorno à democracia, ao Estado de Direito. Era um projeto de longo prazo, intuído já em torno de 1966: para nós era claro o caminho. O movimento estudantil brasileiro não foi um eco do movimento francês e alemão de 1968. Foi anterior. No início de 1966 foi organizada uma “passeata dos bichos” da Faculdade de Filosofia da UFRGS, todos em silêncio e vestidos de preto, só um tambor tocando, indo do Parque da Redenção até a esquina da Borges com a Rua da Praia, no centro de Porto Alegre. Do alto dos prédios caía papel picado. Nós ganhamos as eleições nos Centros

Acadêmicos com este tipo de plataforma, em 1965, 66, 67. A direita não conseguia concorrer, mas o governo federal foi tomando suas medidas: colocou a UNE e as uniões estaduais na ilegalidade, criou em cada capital um Diretório Central de Estudantes com prepostos dele, tinha informantes e agentes por toda parte. Queria quebrar o movimento estudantil desde dentro. Quem participasse dele não tinha chance de ser convidado como assistente, para começar a carreira acadêmica. Não havia concursos abertos, com bancas imparciais.

O Exército já estava para invadir a Faculdade de Filosofia da UFRGS em 68. Quase todos os professores que nos apoiaram foram cassados pelo AI-5, e perderam os empregos. O Ato é de dezembro de 1968, mas lá, ele foi aplicado contra a Faculdade em julho-agosto de 1969. O curso mais atingido foi o de Filosofia. Perdeu a maioria dos professores – sinal de que eram bons. Mais perseguidos foram os professores que melhor pensavam, que faziam os alunos pensar. Eu fiz três anos de Ciência Política nas Ciências Sociais, e o professor que me deu aulas sobre Marx, o Tavares, não foi cassado, mas o titular, Leônidas Xausa, que era brilhante, foi cassado. Toda a equipe de Teoria da Literatura, liderada pelo Ângelo Ricci, foi cassada. Na Filosofia, Gerd Bornheim, Ernildo Stein, Valério Rohden e vários outros. Em 1968, quando o Ernildo Stein estava defendendo a livre docência – pairava de novo a ameaça de que o Exército iria invadir o prédio –, cortaram a luz. Parte da defesa dele foi feita no escuro. Uma cena sintomática do país. O Ernildo Stein, que era um *heideggeriano*, foi várias vezes preso e torturado em Porto Alegre, ele tinha sido presidente da UGES²⁸. O curso de Filosofia mais atingido no Brasil foi o de Porto Alegre. A USP perdeu professores importantes, como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, José Arthur Giannotti, Maria Viotti da Costa...

Chegou a um ponto em que a turma que era para se formar em 1969, não tinha mais professor para terminar o curso. O Gerd Bornheim tinha bons contatos com Ijuí. E Ijuí, no norte do Rio Grande do Sul, era um centro de resistência há bastante tempo. Conseguiu que eles reconhecessem os créditos: os alunos da UFRGS se formaram em Ijuí em 69. Dizia-se lá que quem denunciou o pessoal da Filosofia teria sido um padre de direita que atuava no curso.

A gente percebeu ao longo de 1968 que a situação iria piorar. O nosso presidente do Centro Acadêmico, Geraldo Müller, estava um dia andando pela Avenida Osvaldo Aranha, em Porto Alegre, perto da Faculdade; quando viu, tinha sido pego e jogado dentro de um camburão. Uma vez, quando estávamos reunidos no Centro Acadêmico da Filosofia à noite, explodiu uma bomba. No Centro Acadêmico do Direito, abrigamos um dirigente da UNE, da

família mineira Matta Machado, ele me disse que estava sendo perseguido, e uma semana depois o cadáver dele foi encontrado no rio Guaíba. Naquele momento a questão era de avaliar o que viria, sobreviver e resistir. O prenúncio era, no segundo semestre de 1968, de que a situação iria piorar muito. A repressão iria aumentar como nunca antes. Foi recomendado que quem pertencesse à cúpula do movimento estudantil desaparecesse do lugar em que estava. Quem pudesse sair do país, que saísse. Dentro do país, se recomendava que se mudasse de Estado, pois parecia não haver ainda uma boa organização nacional da repressão. Do nosso grupo de Porto Alegre, quase todo mundo foi embora. A maioria nunca mais voltou. Alguns foram para São Paulo tentar fazer pós-graduação, eu estava nisso, mas já com uma bolsa para a Alemanha. Alguns foram para os Estados Unidos, outros para a França, Alemanha, Rio, Bahia. Vários foram para o Chile. Viver era perigoso.

Só havia pós-graduação no Rio e em São Paulo. Eu fui em 1969 para a pós-graduação na USP, fui aluno de Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles Gomes, Gilda de Mello e Souza. Havia ex-professores da UnB lá também. A situação era confusa. No final de 1968, aparentemente, uma turma do Mackenzie, que era de direita, atacou o prédio da Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antônia, no centro de São Paulo.

Eu vim para Brasília em 1974 por falta de alternativa e por apostar no projeto original da UnB de dar prioridade, nas Letras, à Linguística e à Teoria Literária. A turma de Teoria Literária da UFRGS, e de Filosofia, foi todo mundo cassado, não se tinha mais interlocutores confiáveis, não se era bem visto, os engajados eram leprosos. Eu tinha conseguido a bolsa para o exterior e lá na Alemanha me cortaram a bolsa depois de dois anos, sem que eu pudesse terminar o doutorado. E também cortaram a bolsa de dois colegas de Porto Alegre, de origem alemã. Era uma situação difícil. Porque isso foi feito?, até hoje não sei. Minha sorte foi que consegui uma bolsa da FAPESP para terminar o doutorado.

Em 1969, eu estava dando aulas no Colégio de Aplicação da USP, para sobreviver em São Paulo. Esse Colégio de Aplicação da USP foi aniquilado no final de 1969. Também foram aniquilados os colégios vocacionais. No congresso recente de Filosofia em Salvador²⁹ não se discutiu explicitamente essa questão, mas ela ficou subjacente. É que ninguém sabe o que significou para a Universidade do Brasil a eliminação sistemática das cabeças mais brilhantes que a Universidade tinha, aquelas que eram capazes de promover a autonomia de pensamento.

Eu me lembro de uma conversa que tive com Florestan Fernandes, quando fomos abrigados na pós-graduação da PUC de São Paulo. A gente trabalhava no mesmo corredor, eu

29 SIF 2013 – XVII Congresso da Sociedade Interamericana de Filosofia.

já tinha contato antes com ele. Tomando um cafezinho, o Florestan me dizia: “Flávio, eu tinha dezesseis assistentes de Sociologia na USP, e achava que seria possível desenvolver um sistema de conceitos e categorias específico para entender a realidade brasileira, sem as categorias de fora, mas a partir daqui de dentro. E também nisso eu fracassei.” Ele se estendeu depois sobre coisas pessoais, que eu não preciso contar aqui. Basta resumir dizendo que ele pegou hepatite numa transfusão de sangue, e estava com dificuldades de saúde, sem ser um tipo que bebesse. Anos depois morreu disso. Florestan era um grande intelectual e uma pessoa de muito caráter, um sujeito trabalhador. O paradoxal era que quanto mais se era perseguido, mais refinadas ficavam as companhias. Havia pessoas ótimas, que tinham sido tratadas como bandidos. A ditadura quis acabar com as pessoas melhores, com o melhor das pessoas. Ser apoiado por pessoas assim, em situações difíceis, mesmo que fosse apenas um apoio moral, dava forças para continuar lutando: se estou vivo hoje, é graças à ajuda dessas pessoas. Quando eu perdi o emprego na PUC, não sei bem por quê, me disseram que seria por não estar na linha da Semiótica de Peirce, Florestan me deu então trabalho como tradutor e organizador na coleção Cientistas Sociais, que ele dirigia na Editora Ática, cujo proprietário então era um médico progressista.

Havia também decepções ou expectativas frustradas. Quando fui para Berlim, estudar com o professor Peter Szondi – por recomendação do meu professor de Porto Alegre, o Ângelo Ricci – perguntei a ele se como diretor do Instituto de Comparatística e pessoa de prestígio ele poderia ajudar professores perseguidos no Brasil, mas ele não esboçou nenhum apoio. Szondi e Ricci se conheciam pessoalmente. Ricci era um italiano, que saiu da Itália por causa das péssimas experiências com o fascismo e a guerra. A biblioteca dele foi bombardeada. Ele queria um lugar sossegado; foi para Porto Alegre, trabalhou lá por 25 anos e, de repente, foi cassado. Ele não era marxista, mas *croceano*³⁰, um humanista liberal. Ele tinha sido eleito pelo colegiado para o cargo de Diretor da Faculdade de Filosofia, e tratou de impedir a invasão da Faculdade pelo III Exército. E isso era demais. Toda a equipe dele foi junto. A repressão vai ampliando seus círculos de vítimas. Em agosto de 1969, quando Ricci foi cassado, conversei com ele em Porto Alegre; daí fui a São Paulo, falei com Antônio Candido, cuja turma deu um jeito de conseguir a transferência de dona Rina Ricci, a esposa de Ângelo, para a área de italiano da USP, e um emprego para Ângelo, na Coleção de Literatura Universal e dos Pensadores da Abril. O Peçanha, que havia sido eliminado da Federal do Rio, onde era professor de Filosofia, dirigia as coleções da Abril.

30 Adepto das ideias de Benedetto Croce.

José Américo Motta Peçanha³¹ é importante. Ele tinha sido professor de filosofia grega, na Federal do Rio de Janeiro. Ele foi cassado, creio que logo em 1964, por ser considerado comunista – mas ele me disse que tinha sido um engano, pois ele nem era membro do Partido. O Ernildo Stein me contou que foi ele mesmo quem fez a primeira lista de autores e obras para a coleção *Os Pensadores*. Por acaso o Ernildo mora no mesmo prédio em que morou a viúva desse meu tio que era militar. Vejam como essas afinidades se cruzam. O Peçanha montou equipes aproveitando, em parte, gente qualificada que tinha sido eliminada das universidades, gente que estava sendo perseguida, que tinha ido forçada para o exterior. A coleção de *Os Economistas* foi montada pelo Jacob Gorender, porque, segundo ele me contou, dentro da Coleção *Os Pensadores* notaram que, quando havia um livro sobre Economia, as vendas disparavam, pois a inflação era alta e a situação instável. Os livros eram vendidos em banca de jornal, e havia uns dois mil pontos de venda no Brasil. A ditadura, ao tentar extinguir a Filosofia no Brasil, conseguiu forçar a ampliação do filosofar. Uma coleção como *Os Pensadores* fez mais pelo desenvolvimento da Filosofia no Brasil do que muitos cursos. Ao perseguir professores, conseguiu fazer com que vários se dedicassem mais a publicar.

Na coleção dos *Economistas*, eles tinham de publicar o grande clássico que é *O Capital*. Examinaram a tradução que já havia para o português, acharam que vários termos e trechos tinham de ser mudados, mas o tradutor não concordou em fazer uma revisão. Daí decidiram fazer uma nova tradução. Desempregado, eu sobrevivi uns dois a três anos fazendo a tradução.

Num final de tarde eu cheguei, no segundo semestre de 1984, na Editora Abril para entregar um maço da tradução do *Capital*, que estava cada vez mais nas minhas costas, e encontrei a recepcionista chorando. Eu perguntei: “Por que você está chorando?” Ela disse: “Demitiram 32 hoje”. Daí eu subi e perguntei para o Jacob Gorender se era verdade que haviam demitido 32. Ele disse: “Não, são 33, porque eu pedi que me demitissem também.”

Pouco depois fui à Editora Ática e encontrei todo mundo também abaladíssimo. A Carolina Araújo, que editava a coleção *Cientistas Sociais*, disse que estavam dizendo que a coleção teria de fechar porque não dava lucro. Pelos cálculos que fazia, isso não podia estar certo. Eu não sei quanto vendia, mas um livro meu na Ática vendeu uns dez mil exemplares. Um diretor havia me dito, anos antes, que a Editora faturava tanto com livros didáticos que precisava ter coleções que diminuíssem o imposto de renda. Eu tinha feito Adorno, tinha feito Benjamin, um volume organizado pelo Florestan com textos do Marx. Na mesma época, na

31 Também grafado José Américo Motta Pessanha.

Editora Global, eu tinha um amigo, o Bertelli, que tinha me indicado à Edla von Steen, para fazer traduções de Kafka e que foram rejeitadas por um pretexto bobo, inconsistente. Esse meu amigo tinha então, em 1984, mais de vinte livros programados como editor na Editora Global, livros sobre marxismo, principalmente sobre marxismo italiano. Os contratos dele foram todos cancelados sumariamente.

Algo semelhante estava acontecendo, portanto, na mesma época em várias editoras, com explicações diversas. Levou mais de dez anos para eu ouvir a seguinte explicação, dada por profissionais da editoração. Naquele período, a linha dura, que estava tratando de se impor, forçou essas editoras a fechar as coleções que serviam de nichos de sobrevivência ao pessoal de esquerda. Queria que todas fossem extintas. Ela não queria fontes de pensamento. Nessa época de 1984-85 foram fechadas coleções como a dos *Pensadores*, que nunca mais foi retomada; a Coleção dos *Economistas*, também; a Coleção dos *Cientistas Sociais* foi fechada e nunca mais reaberta. Ouvi dizer que havia livros inteiros traduzidos, outros com direitos autorais comprados, que nunca foram impressos nem vendidos.

Tenho de contar algo sobre Brasília, que é o tema do encontro. Desculpem tanta volta, mas ela, de uma perspectiva singular, é sintomática do que se passava no país. Eu vim para Brasília por falta de melhor opção. Com a cassação dos professores mais liberais na UFRGS, eu não tinha espaço para concorrer a uma vaga. Na USP e Unicamp eu não servia, porque na Teoria dominava uma linha que se fechava no cânone nacional das Letras, e eu não entendi bem a proposta de Antônio Candido, meu orientador, de que eu poderia passar à orientação da esposa dele, Gilda de Melo e Souza, sobrinha de Mario de Andrade e professora de estética no curso de Filosofia. Eu não sabia se teria de mudar de área ou não. Ele aceitou, porém, que eu continuasse com ele, presidiu minha banca de doutorado e depois a de livre-docência. Eu recusei em 1972 um emprego na UnB, preferindo ficar com uma bolsa na USP, para não me expor. Eu fiquei um bom tempo aqui nos jesuítas, na L2 Norte, com as bênçãos do Padre Aleixo. Preparei a tese sobre Benjamin e Adorno, que depois foi publicada pela Ática. Era quase tudo deserto aqui na Asa Norte.

Carpintero: Que ano foi isso?

Kothe: 1972-73. Quando eu estudava em Berlim, um amigo, Arthur Poerner, jornalista que tinha sido preso e torturado no Rio, estava refugiado em Berlim. Ele era meio ligado ao Partidão: *meio*, porque ninguém se dizia ligado ao Partidão. Um dia, no início de 1972, ele me convidou para jantar com um amigo dele, mineiro, e que era professor na UnB, era o Marco Antônio Rodrigues Dias, que era o diretor da Faculdade de Comunicação da UnB. O Marco Antonio disse que em breve deveria tornar-se Vice-Reitor da Universidade e estava em missão

na Europa, para encontrar intelectuais que pudessem ser aproveitados para preencher os quadros vacantes. Eu estava praticamente já de saída, porque no final de 1971, eu e mais dois colegas da turma de Letras de Porto Alegre, que estavam em Munique, recebemos a mesma comunicação dizendo que a nossa bolsa no DAAD seria cancelada. O meu orientador, Peter Szondi, do qual eu poderia esperar ajuda, tinha se suicidado. Vários colegas de Berlim, desconstrutivistas, tiveram de buscar emprego nos Estados Unidos. Fui contratado pela UnB por engano, achavam que eu era namorado de uma professora local. Vim para a UnB em meados de 1974, para montar um pós-graduação em Letras baseado em Linguística e Teoria Literária, como estava no projeto original da UnB, mas isso foi destruído no final de 1977, passando a prevalecer Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, uma opção mais conservadora.

Estou terminando, desculpem ter falado tanto tempo, mas foi para mostrar como em certas áreas o projeto original da Universidade se perdeu. A ideia de cursos interdisciplinares, de contato mútuo, eu acho que ela continua válida, acho que especialmente a Filosofia tem um papel importante nisso. Quando fui para a Arquitetura – fiz concurso para titular lá –, eu era professor visitante aqui no Departamento de Filosofia. Para poder assumir lá, tive que pedir demissão aqui. Aqui eu ficaria um ano, lá até os 70 anos. Nas Letras nunca me deixaram fazer concurso para titular. Eu gostava e gosto da Filosofia, o professor Bira era o chefe do departamento quando fui para a FAU, e eu me comprometi a oferecer disciplinas de Filosofia, pois faltava professor para Estética, Filosofia da Arte. Eu fiquei trabalhando bastante tempo com o departamento, havia turmas de 80 a 100 alunos, a galeria da Arquitetura ficava lotada. Tinha gente até sentada no chão. Um dia resolvi parar tudo e perguntar de onde é que o pessoal vinha. Eram alunos de doze cursos diferentes da UnB. Eu perguntei, segunda pergunta, “por que vocês estão aqui? O que vocês estão fazendo aqui?” Aí eles ficaram discutindo e a conclusão foi: “Todos estamos insatisfeitos com o nosso curso: Direito, Sociologia, Relações Internacionais, Ciência Política, Arquitetura, Letras, Filosofia, de tudo. O que se está tendo aqui é a liberdade de falar o que é relevante e nós não temos isso no nosso curso de origem.”

Universidades como a de Frankfurt, por exemplo, têm cursos de Introdução à Filosofia; sobre o Iluminismo; cursos gerais para dentro e para fora da Universidade. Aqui, o Departamento de Filosofia parece que ainda não está cumprindo esse papel. Desculpem a crítica que estou fazendo aqui sem ter todo o colegiado presente. A Universidade teria de ter professores à altura para isso. Na Filosofia da Federal do Rio Grande do Sul, na Sociologia ou

na Filosofia da USP, quando eles tinham grandes nomes lá, esse tipo de curso era dado. Isso praticamente acabou desde então.

Aqui (UnB) se podem oferecer cursos de extensão. Mas são cursos práticos, não são cursos abertos para que a comunidade se torne mais esclarecida, discutindo problemas candentes. Aquela ideia original do Santoro, dar concerto no sábado para todo mundo que quisesse assistir, isso era esclarecimento musical. Já se teve aqui um curso de preparação rápida de professores de Filosofia para o segundo grau. Havia bastante gente até... A tradição brasileira é dogmática, não Iluminista. Parece que o espírito do estudante da Universidade hoje não é pluridisciplinar, ele está mais no pensamento de obter o diploma no mínimo de tempo e com a melhor nota possível, fazendo o mínimo que tiver de fazer.

Início do debate

Carpintero: Eu quero situar um pouco este processo. A gente tem que lembrar que a constituição da Universidade de Brasília entra num programa do Getúlio, de nacionalização; a partir da década de 30 o Getúlio começou a trabalhar isso. O Getúlio, constituindo as bases para a industrialização brasileira, criou uma série de situações. Todo mundo fala da legislação trabalhista, eu uso a expressão de que ele constituiu uma *classe operária*. Mas ele constituiu uma classe média na hora que criou bases, transformando a Caixa Econômica Federal de uma caixa de suprimento de fundos a uma caixa de financiamento de construção de propriedades no Rio de Janeiro, que primeiramente financiou militares de baixa patente em apartamentos no Rio de Janeiro. Decio Saes³² trabalha bem essa questão, mas foi a constituição dessa classe média brasileira que gerou a necessidade de um corpo gerencial, de um corpo intermediário no processo industrial.

Eu digo que o Getúlio Vargas criou a USP. Todo mundo alega que a USP é Armando Sales, que é a burguesia paulista que fez, mas a USP foi feita no período Getúlio. É tão Getúlio quanto Goiânia. Getúlio precisava de um centro de pensamento, e no Brasil não existia universidade. Ele precisava de um centro de pensamento para embasar, dar suporte para essa indústria que estava se instalando.

Tem uma série de coisas, como a tentativa de criar uma nova universidade brasileira no Rio de Janeiro – a Universidade do Brasil –, tentativa nesse período do Getúlio, na década de trinta. Quando o Getúlio cai em 45, em um processo que foi nitidamente de interesse de

32 Décio Saes, autor de *A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891)*, publicado em 1985.

petróleo, já naquele momento o Dutra assumiu com o compromisso de garantir a iniciativa privada na exploração de petróleo. Getúlio, ao retomar a presidência, acentuou esse movimento de nacionalidade. Ele criou a Petrobras, em 53. E foi o Getúlio que assinou a lei de 1953, que foi a base do processo que resultou na construção de Brasília pelo Juscelino, em 57; a Lei 1.803 de 1953, que dá todas as diretrizes para essa ação. Foi com base nessa lei que o Brasil contratou o Belcher³³ para mudar de cidade. É com base nessa lei que foi criada a comissão de transferência da capital, comissão de mudança. A questão era a constituição de nacionalidade. A ideia era de constituição de uma nacionalidade brasileira.

Quando vem a construção de Brasília, o Anísio Teixeira, um cara que não era de esquerda, e todo mundo fala dele como sendo de esquerda, mas ele não era, o pensamento dele era pragmático, era Dewey³⁴. Ele estudou com Dewey, na Universidade Columbia. O Darcy Ribeiro também é uma esquerda meio relativa. Esse processo da Universidade de Brasília não é um processo ligado às esquerdas. É um processo ligado a movimentos progressistas, mas não necessariamente de esquerda; nacionalista sim, e sem dúvida nenhuma esse viés nacional é o viés que leva a coisa. Agora, a partir de 64 especificamente, mas em todo esse período, há o embate com a direita liberal, em vários níveis. A direita liberal de que falo é 'economicamente liberal', como 'livre empresa', mas direita na forma de ação política, que vem desde o primeiro período do Getúlio.

Mas o fato é que esse processo todo, esse embate de liberais com não-liberais – eu generalizo falando em *não-liberais* porque os comunistas apoiaram Getúlio a partir de um certo momento; durante o período Getúlio de 1930, eles não apoiaram Getúlio em hipótese alguma.

Kothe: Eles foram perseguidos.

Carpintero: Exatamente. Então a Universidade de Brasília nasce nesse confronto que resultou na tomada de poder pelos liberais em 64, mas liberais econômicos, não liberais políticos. E 64 é nitidamente a tomada de poder por essa direita. A UnB nasce, portanto, num contexto nacionalista. A gente se engana muito quando a gente lê a Universidade de Brasília como uma coisa da esquerda, não é, é *nacional desenvolvimentista*, é uma coisa sem rupturas de regime político. Não há ruptura nenhuma.

Kothe: Necessidade pragmática também.

Carpintero: É pragmática!

33 Donald J Belcher & Associados.

34 John Dewey.

Kothe: Quer dizer, a capital do país precisa de quadros para poder funcionar. Vai fabricar, não vai trazer tudo de fora. Portanto, tem de fabricar aqui; então é uma fábrica de quadros para o Governo.

Carpintero: Isso. Então nós temos: Israel Pinheiro querendo fazer a Universidade na Fazenda Água Limpa; Jânio Quadros querendo colocar os jesuítas; os salesianos com base no sonho de Dom Bosco querendo, reivindicando, a Universidade de Brasília. Então, justifica, pra resolver essa disputa, o Darcy Ribeiro ter ido à fonte, ir ao Papa e resolver lá. Ele resolveu a Universidade de Brasília pelo Papa, que criou o Instituto de Teologia.

Kothe: Isso hoje parece absurdo, mas o poder da Igreja naquela época era muito maior do que é hoje. Quer dizer, o Papa decidiu a Universidade de Brasília, não o Presidente da República, nesse sentido.

Carpintero: Eu quis situar um pouco essa fala que você fez, Kothe. Achei muito interessante isso, mas precisa situar nessa linha histórica. Então esse processo todo resultou depois na construção de Brasília, e que, depois de já construída mesmo, sofreu uma série de ações, por exemplo, do Israel Pinheiro, que modificou o projeto original do Lúcio Costa; e essa modificação no projeto original é que fez resultar nessa especulação imobiliária de hoje, absolutamente estúpida. É coisa de Israel Pinheiro, muito nitidamente. Ele tirou quatro blocos em cada superquadra de Brasília. No desenho do Lúcio Costa, eram 15 blocos em cada superquadra, com apartamentos de 80m² cada, não de 150, como é hoje.

Mathias Möller³⁵: Como os apartamentos das quadras 400, que são menores?

Carpintero: Não, os das 400 já foram uma tentativa do Lúcio Costa de não construir cidade satélite. Esse era o ponto de vista dele, pelo menos. E na verdade, a construção das 400 e das 700, que foi uma modificação do plano original também, não supriu esses habitantes, que foram retirados dos quatro blocos em cada superquadra. Que era de quatro prumadas e não de três, e hoje a média de Brasília é de três prumadas.

Portanto, essa modificação no projeto original do Lúcio Costa provocou a destruição dos valores do Plano Piloto, todos, destruição sistemática. E se se faz coisas que são absolutamente desnecessárias do ponto de vista urbano, mais se faz para destruir o plano do Lúcio Costa. A construção do poste da bandeira na frente da Praça dos Três Poderes; a construção, pelo Oscar Niemeyer, do Panteão da Pátria, na frente do Congresso Nacional... Isso aí é destruição, é uma coisa impositiva ao projeto do Lúcio Costa, desse caráter racional do Lúcio Costa.

³⁵ Estudante de graduação em Licenciatura em Filosofia / UnB e integrante do GEP-DR.

Alex: Também aquelas quadras que pretenderam ser melhores lá da 107 ou 307.

Carpintero: Não, mas isso aí não afeta o plano original coisa nenhuma. Aquilo ali entra apenas num plano de execução mal feito, mas o sistema está mantido. Agora, colocar a população nas cidades satélites em si, que era uma falsa...

Alex: Que deveria ter sido um cinturão verde, né?

Carpintero: Sim, as casas da W3 são em uma área que o Lúcio Costa especificou como hortigranjeiros. No plano do Lúcio Costa, a faixa das quadras 700, está hortigranjeiros, fruticultura e pomar. Claramente isso. E recentemente demoliram três mercadinhos que havia na W4, que era um resquício dessa ideia. Eles apagam a ideia, né? Eles querem apagar a ideia.

Alex: Assim como a Universidade também.

Carpintero: Sim, a demolição do caráter nacional da universidade, isso é muito claro, muito nítido.

Agora sobre a demissão coletiva, em 18 de outubro, tem muita gente que hoje fala que aquilo foi um erro, que os professores deveriam ter permanecido e brigado por dentro. Eu não concordo. Eu, que vi a situação, acho que eles fizeram absolutamente certo, seria uma destruição mais acentuada no final, porque destruiria as pessoas também.

Kothe: Eu acho que eles anteciparam o que seria feito com eles. Não teriam escapado muitos. E a gente fica pensando, assim, 'qual é o critério que a ditadura teve?'. Eu estou sugerindo que era mais atingido quem pensasse mais à frente.

Carpintero: Mas Kothe, a questão da ditadura, a gente coloca como uma questão da ditadura. E essa não é a questão. A questão era: os liberais contra os nacionalistas. E a ditadura era um instrumento desses liberais.

Gilberto Tedeia³⁶: Eu estou curioso para saber de vocês como é que os senhores lidam com essa nova universidade de hoje, que não é mais aquela universidade antiga. Na universidade de hoje você tem que fazer congresso, colóquio, falar não sei o quê..., mas parece que você tem outro tipo de vida acontecendo dentro das universidades. Como é que os senhores entendem isso?

Carpintero: A universidade daquela época tinha esse *élan*, esse objetivo de construção da cultura brasileira. A gente tinha essa noção. Você entrava aqui, a discussão na Arquitetura era se a gente ia fazer arquitetura de Oscar Niemeyer, que era uma Arquitetura que introduzia uma linguagem brasileira num padrão de linguagem europeu. Mas não era: eu chamo de uma arquitetura erudita europeia com um traço de arquitetura brasileira. Eu digo o mesmo da

36 Professor de Ética e Filosofia Política do Departamento de Filosofia da UnB.

Bossa Nova, é exatamente isto, uma linguagem de Jazz na música brasileira, com o tempo brasileiro, com uma série de coisas brasileiras. Quer dizer, é uma solução de compromisso, não é a construção de uma autonomia absoluta da cultura. É uma cultura integrada no contexto mundial, mas com traço forte de nacionalidade. Eu vejo claramente esse aspecto. E o Plano Piloto de Lúcio Costa carrega isso com muita força; a arquitetura do Oscar Niemeyer carrega isso com muita força, ela tem um caráter absolutamente único, mas ela, a linguagem fundamental dela, ainda é uma arquitetura europeia.

O Darcy Ribeiro, quando fala nessa questão de cultura, ele fala dos povos da América – da América Latina – ele fala dos povos testemunhos, dos povos transplantados e dos povos novos, como nós. Ele fala de nós como *povos novos*³⁷, que é uma coisa que resulta de uma fusão. Então, à sua pergunta, de como que eu vejo a universidade hoje, como isso se dá hoje, respondo que é um horror, eu me sinto expulso no contexto de hoje. A Universidade hoje ela é de uma cultura europeia claramente imposta, americana eu diria, não é nem europeia.

Há pouco tempo eu fiz um manifesto, falando da necessidade de a Universidade retomar o seu papel, e buscar criar novas patentes tecnológicas que vão liberar a gente da tecnologia americana. Por exemplo, na Arquitetura – pra falar de um caso específico –, na Arquitetura eu uso essa expressão todo tempo: “*européu não sabe o que é ter sol a pino*”. Sol na cabeça: europeu não sabe o que é isso. Então europeu não sabe fazer Arquitetura aqui. E as pessoas ficam imitando a Arquitetura europeia. E aquilo que é qualidade, a qualidade na Arquitetura. Essa arquitetura europeia americanizada é uma arquitetura de competição de forma. É uma competição de egos! De quem é mais bonito do que o outro...

Kothe: Eu não divido o mundo em nacional = bom e o não nacional como mau. Só se pode ser original conhecendo bem o melhor que a humanidade produziu, ou seja, os clássicos. Deles hoje quase não se lê mais nada.... E dando aula aqui parece que nos últimos três anos o nível piorou. Talvez porque tenha aumentado o número de alunos, passou de 80 para 140 em Arquitetura, e a qualidade caiu. Quando se cita alguma coisa da herança humanística, ninguém sabe nada. Ela ensina a pensar, dá argumentos. A falha vem da formação tecnicista, que começa no primeiro grau e continua na universidade atual. Nós temos uma geração que está treinada no *videogame*. O maior vício da atual geração mais jovem é o *videogame*, uma

37 “Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam. Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros.” (Darcy Ribeiro, “*O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*”. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p.17).

linguagem apenas imagética, de pancadaria. Hoje um texto longo, mais complexo, como um ensaio ou um tratado, é considerado ilegível. E dentro da Arquitetura, quando eu propunha aos alunos algum texto de um filósofo, o que faziam era a tradução dele em *power point*, que é revista em quadrinhos. Quer dizer, uma imagem, e daí um balãozinho com uma frasezinha catada a esmo... E como quase todos os professores dão aula lá desse jeito, se você não dá a aula só falando, você é um “dinossauro”. Falta articular argumentos, pensar de modo autônomo, original, mas com boa informação, histórica e globalizada.

Se a gente não voltar para os grandes clássicos, a gente não vai aprender a pensar. A gente só vai fazer de conta que está pensando, repetindo imitadores de segunda categoria, ou de terceira. E isso que nós estamos falando aqui hoje, é relevante nacionalmente – sim! Isso podia ser transmitido pela emissora aqui da UnB, por uma TV Cultura de São Paulo, podia. É feito? Não. Quer dizer, nós estamos diante de uma repressão extensa, camuflada pela propaganda. Não é só o que os americanos lá fora fazem com a gente aqui, é o que nós fazemos conosco aqui dentro também.

Eu acho, entretanto, que nós somos ainda uma resistência: querem que a gente não pense, mas a gente insiste em pensar; querem que a gente não discuta certas coisas, mas a gente insiste em discutir. E é por isso que eu vim aqui, hoje.

Alex: Então, bem, eu agradeço a presença de todos. Acho que a gente começou a tentar colocar a questão. E quem sabe, assim, a gente ainda consegue colocar a Filosofia como um lugar que conversa com o resto da Universidade.